



**NÓS E A GENTE EM QUATRO AMOSTRAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO:
REVISITANDO A ESCALA DA SALIÊNCIA FÔNICA**
**NÓS AND A GENTE IN FOUR SAMPLES OF BRAZILIAN PORTUGUESE:
REVISITING THE SCALE OF PHONIC SALIENCE**

Maria Marta Pereira Scherre¹

Anthony Julius Naro²

Lilian Coutinho Yacovenco³

Resumo

Sob a perspectiva da Sociolinguística Variacionista, analisamos três construções com a primeira pessoa plural: padrão antigo – *nós* com *-mos* (*nós moramos*); não padrão – *nós* sem *-mos* (*nós mora*); padrão emergente – *a gente* sem *-mos* (*a gente morou/a gente mora*). Os dados analisados são de quatro amostras do português brasileiro – Santa Leopoldina-ES, Baixada Cuiabana-MT, Goiás e Vitória-ES – e foram analisados em oposições binárias e ternárias, por programas estatísticos da série Varbrul. Os resultados indicam que a restrição mais importante é o grau de facilidade da percepção da diferença entre formas com e sem o morfema *-mos*, conhecida como saliência fônica: quanto maior a saliência fônica, mais a possibilidade de usar a forma com *-mos*. Uma vez que as formas do pretérito tendem a ocupar altos níveis de saliência, há distribuição parcialmente sobreposta entre tempo e saliência. Para a terceira pessoa plural, pesquisas anteriores mostram que a saliência é um preditor melhor do que tempo. Para a primeira pessoa plural, a distribuição sobreposta tende a conduzir, em alguns contextos estruturais e sociais, a uma reanálise de tal forma que o morfema *-mos* é usado preferencialmente para marcar pretérito

1 Universidade Federal do Espírito Santo e Universidade de Brasília. Pesquisador do CNPq e aposentada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: mscherre@gmail.com.

2 Universidade Federal do Rio de Janeiro: professor emérito. E-mail: rionaro@gmail.com.

3 Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: lilianyacovenco@yahoo.com.br.

Recebido em: 20/11/2018

Aceito em: 29/11/2018



A revista *Diadorim* utiliza uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/) (CC-BY-NC).

perfeito. Isto resolve a ambiguidade entre presente e pretérito nos casos padrão de *nós* com *-mos* (*nós moramos*, preferencialmente pretérito) e não padrão *nós* sem *-mos* (*nós mora*, presente). Como parte de um fluxo de padronização, a construção nominal *a gente*, do substantivo latino singular *gens gentis* ‘tribo’, é inserida no sistema pronominal como primeira pessoa do plural. Isto cria um padrão emergente, *a gente* sem *-mos*. Estas questões nos levaram a (1) propor uma hierarquia da saliência levemente modificada, denominada de hierarquia da proeminência, (2) discutir análises binárias e ternárias e (3) concluir que processos diacrônicos de séculos passados emergem da análise sincrônica de dados hoje disponíveis.

Palavras-chave: Variação *nós* e *a gente*; Saliência fônica; Tempo verbal; Efeitos cognitivos; Efeitos funcionais e estruturais.

Abstract

Using the methodology of sociolinguistic variation studies, we analyze three first person plural constructions: old standard *nós* with *-mos* (*nós moramos* ‘we lived’ or ‘we live’); non-standard *nós* without *-mos* (*nós mora* ‘we live’); emerging standard *a gente* without *-mos* (*a gente morou* ‘we lived’/ *a gente mora* ‘we live’). The data we analyzed come from four samples of Brazilian Portuguese: Santa Leopoldina-ES, Baixada Cuiabana-MT, Goiás and Vitória-ES. Our analyses were carried out in both binary and ternary models using statistical programs of the Varbrul series. The results indicate that the most important constraint is ease of perception of the difference between forms with and without the *-mos* morpheme. Known as phonic salience, this factor determines that the greater the phonic salience, the greater the chances are of use of a form with *-mos*. Since preterit forms tend to fall on the higher levels of salience, there is a partially overlapping distribution of tense and salience. For the third person plural, earlier research has shown that salience is a better predictor than tense. For the first person plural, the overlapping distribution tends to lead, in certain social and structural environments, to a reanalysis in which the *-mos* morpheme is used preferentially to mark the preterit. This resolves the ambiguity between the present and the preterit in the case of standard *nós* with *-mos* (*nós moramos*, now preferentially preterit ‘we lived’) and non-standard *nós* without *-mos* (*nós mora* ‘we live’). As part of a flow toward standardization, the formally third person singular noun *a gente* ‘the people’, from the Latin singular noun *gens gentis* ‘tribe’, is inserted into the pronominal system as a first person plural. This creates the emerging standard construction *a gente* without *-mos*. These considerations led us to (1) propose a slightly modified salience hierarchy, which we call ‘prominence’; (2) discuss binary and ternary analyses and (3) conclude that centuries old diachronic processes emerge from the synchronic analysis data available today.

Keywords: Variation with first personal plural; Phonic salience; Verbal tense; Cognitive constraints; Functional and structural constraints.

Contextualizando nossa pesquisa

Naro (1981) e Naro, Görski e Fernandes (1999) abordam processos variáveis de concordância de número no português brasileiro com base, respectivamente, em amostras de falas do Rio de Janeiro das décadas de 70 e 80 do século XX. Naro (1981) trata da variação da concordância verbal de terceira pessoa com dados do projeto *Competências Básicas do Português*, de pessoas em fase de alfabetização (LEMLE; NARO, 1977). Naro, Görski e Fernandes (1999, p. 202) tratam da concordância verbal de primeira pessoa plural *nós* ou *a gente*, com dados de pes-

soas de nível socioeconômico menos privilegiado. As duas análises dão tratamento estatístico aos dados por meio de programas computacionais com modelos de regressão múltipla de efeitos fixos, da série Varbrul, com projeção de pesos relativos e testes poderosos de significância estatística, com nível de significância de 0,05 (cf. CEDERGREN; SANKOFF, 1974; GUY; ZILLES, 2007, p. 283; NARO, 1981; 2003, p. 24; SANKOFF, 1988; SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005; TAGLIAMONTE, 2012, p. 120-161).

Uma das variáveis independentes (restrições, grupos de fatores ou preditores) mais robusta é a escala da saliência fônica na relação singular/plural proposta por Lemle e Naro (1977) para a terceira pessoa plural e reestruturada por Naro (1981, p. 76-78) em seis graus, em função da(a)tonicidade dos pares na relação singular/plural (níveis 1 e 2) e de três graus diferenciação material fônica, em cada um dos níveis (a b c), por meio de alterações do material fônico, a seguir exemplificada:

Nível 1:

1a) *come/comem; fale/falem; falasse/falassem*

1b) *fala/falam; falava/falavam*

1c) *faz/fazem; diz/dizem*

Nível 2:

2a) *vai/vão; dá/dão; (es)tá/tão*

2b) *comeu/comeram; partiu/partiram, foi/foram*

2c) *falou/falaram; disse/disseram; trouxe/trouxeram; fez/fizeram; é/são*

Naro (1981) consolida a identificação do aumento da concordância variável de terceira pessoa plural em função do aumento da saliência fônica na relação singular/plural, sem, todavia, verificar estatisticamente seu efeito em relação ao do tempo verbal.

Para a primeira pessoa plural, Naro, Görski e Fernandes (1999, p. 201-203) estabeleceram uma hierarquia da saliência de cinco níveis, em função da(a)tonicidade dos pares— átona em pelo menos um dos membros do par nos níveis 1 e 2 e tônica em ambos os membros dos pares nos níveis 3, 4 e 5—e do aumento crescente da diferenciação material fônica, também exemplificada a seguir:

1) *falava/falávamos; era/éramos*

2) *come/comemos; fala/falamos; parte/partimos; trouxe/trouxemos; soube/soubemos; faz(z(i))/fazemos⁴*

4 Estes casos não constam da exemplificação da escala de Naro, Görski e Fernandes (1999, p. 201-203), mas, segundo Naro, em comunicação pessoal, estes casos foram codificados como nível de nível 2,

3) *(es)tá/(es)tamos; tem/temos*

4) *comeu/comemos; partiu/partimos; vai/vamos; foi/fomos*

5) *falou/falamos; é/somos.*

Naro, Görski e Fernandes (1999) discutem o papel da saliência fônica e do tempo verbal, como variáveis distintas, com foco, em especial, no presente *vs.* pretérito perfeito do indicativo, com maior detalhamento para o processo da presença/ausência do morfema *-mos* como primeira pessoa *nós* (concordância plural variável), processo este que é o foco de nossa discussão neste texto.

Em análises separadas por quatro grupos etários (6-12 anos – crianças; 13-20 anos – jovens; 21-40 anos – adultos mais jovens; mais de 41 anos – adultos mais velhos), Naro, Görski e Fernandes (1999, p. 202-207) evidenciam de forma detalhada a entrada do efeito da distinção temporal, ao lado do efeito da saliência fônica no gerenciamento da variação da concordância, como duas restrições distintas. Assim, além de verificarem que mais saliência favorece mais presença do morfema *-mos* (concordância plural, no caso do pronome *nós*), com significância estatística em todos os grupos etários, relatam que a oposição temporal só apresenta significância estatística nos dados de falantes de 13-20 anos e de 6-12 anos, com menos favorecimento de concordância plural pelo presente do indicativo e mais favorecimento pelo pretérito perfeito e aumento da força dos fatores na fala mais jovem: na faixa de 13-20 anos há diferença de 50 pontos (ou *range*, em termos atuais),⁵ pesos relativos de 0,25 *vs.* 0,75; e, na faixa de 6-12 anos, há diferença de 74 pontos, pesos relativos de 0,131. 0,87 (cf. Tabela 2 dos autores, à p.205).

Naro, Görski e Fernandes (1999, p. 204) ponderam que, na projeção dos pesos relativos, não foram incluídos os casos de imperfeito, porque o foco central era verificar o papel funcional da oposição entre presente e pretérito perfeito do indicativo e porque havia baixo uso de *-mos* com o imperfeito, da ordem de 4%.

Ao analisarem os efeitos percentuais de presença de *-mos* com os pares *comeu/comemos*, *foi/fomos*, *vai/vamos*, *fala/falamos* por três grupos etários (adultos: mais de 20 anos; jovens: 13-20; crianças: 6-12), Naro, Görski e Fernandes (1999, p. 207; p. 210) reforçam que “o que podemos ver, então, é um progressivo enfraquecimento da força da oposição da saliência, com um aumento concomitante do tempo” (p.207).⁶ Ponderam que “*-mos* aparentemente está sendo reanalisado como um marcador de pretérito (...). É possível prever um período futuro em que *-mos* possa se tornar categoricamente pretérito e Ø [zero] categoricamente não pretérito na

ou seja, como menos salientes. É interessante que, embora Foeger (2013, p.133) tenha codificado casos desta natureza como de saliência 3, os 14 casos que ela encontrou (13 do verbo fazer e um do verbo trazer) são todos sem o morfema *-mos* (“*nós* faz aqui mesmo”).

⁵ Ver, por exemplo, Tagliamonte (2006, p. 242; 251; 2012, p. 123).

⁶ No original: “What we see, then, is a progressive wakening of the force oppositional salience, with a concomitant strengthening of tense.” (NARO; GÖRSKI; FERNANDES, 1999, p. 207)

primeira pessoa do plural.” (p. 210),⁷ tendo em vista (1) a ambiguidade potencial, com registros tradicionais de mesma forma para o presente e pretérito perfeito, para todos os verbos de conjugação regular (*falamos/vendemos/partimos*) e para alguns verbos de conjugação irregular (*saímos/rimos/vimos*)⁸; e (2) a alta frequência de *-mos* de construções com pretérito perfeito, quase todos de alta saliência fônica na relação singular/plural (*gastou/gastamos; bateu/bate-mos; partiu/partimos; saiu/saímos; foi/fomos; deu/demos*).

Com base em amostras de fala de nativos da cidade do Rio de Janeiro da década de 80 e de 2000, coletadas pelo *Programa de Estudos sobre o Uso da Língua* (PEUL) (cf. PAIVA; DUARTE, 2003), Scherre & Naro (2010) apresentam resultados de uma análise cruzada entre os seis níveis de saliência propostos por Naro (1981) e o tempo/modo verbal (presente e imperfeito do indicativo; pretérito perfeito do indicativo; presente e imperfeito do subjuntivo), em dados da concordância de terceira pessoa plural, com o objetivo de captar eventuais efeitos de tempo e modo neste fenômeno variável, ao lado dos já conhecidos e consolidados efeitos da saliência fônica. Efetuando diversas análises estatísticas, Scherre e Naro (2010, p. 74-76) concluem que “saliência e tempo verbal são variáveis fortemente significativas em análises distintas, mas saliência sempre supera tempo/modo quando são colocadas em uma mesma análise como variáveis separadas.” (p.74) Reafirmam que “o traço que governa o uso variável da concordância [de terceira pessoa plural] é de fato a saliência fônica, uma categoria seguramente de natureza cognitiva, e não tempo/modo, uma categoria gramatical.” (p.76)

Em instigante pesquisa, Foeger (2014, p. 126-127) verificou que, na fala rural de Santa Leopoldina, no estado do Espírito Santo, o pretérito perfeito favorece quase que categoricamente o morfema de plural *-mos* com o pronome *nós* (“e uma vez também **nós tomamo** uma carreira [...]”). Só há um caso sem *-mos* (“**nós só ganhou** mau hálito”) em 289 ocorrências de pretérito perfeito. Assim, 99,7% dos casos de pretérito perfeito apresentam o morfema *-mos* (288/289). Então, para os casos de primeira pessoa plural em Santa Leopoldina-ES, a reanálise de *-mos* com marca de tempo em contexto de pretérito perfeito, prevista por Naro, Görski & Fernandes (1999, p. 210), realmente se dá. Nos dados Santa Leopoldina-ES, o pretérito perfeito se realiza sistematicamente pelo morfema *-mos*, mesmo em formas não registradas pela tradição gramatical como *levemo* por *levamo*, *fiquemo* por *ficamo* (cf. FOEGER, 2014, p. 74-75) ou *aprendimop* por *aprendemo*, com elevação da vogal temática.

Todavia, Foeger (2014, p.127) demonstra que *-mos* também ocorre como presente do indicativo em 40,4% das vezes (99/245), ou seja, nem todos os casos de presente se realizam pela ausência de *-mos* (ou zero), embora todos os casos de ausência de *-mos*, em formas tradicionalmente iguais para pretérito e presente do indicativo (*brincamos; arrancamos*), tenham leitura

7 No original: “(...) -mos is apparently being reanalyzed as a marker of the preterit (...). It is possible to foresee a future period in which -mos may come to be categorically preterit and 0 categorically non-preterit in the 1st personal plural.” (NARO; GÖRSKI; FERNANDES, 1999, p. 210)

8 Ver Ryan (1996) para uma visão completa dos paradigmas de conjugação verbal em português.

de presente (“**nós brinca** na casa de vovó... **nós ranca** as flor de lá [...]”(FOEGER, 2014, p. 127).A autora demonstra em detalhes que os casos de *-mos* com presente ocorrem mais com os verbos com maior saliência fônica (cf. FOEGER, 2014, p. 132).

Outra questão digna de nota na pesquisa de Foeger (2014, p. 126-127) é que, diferentemente do pretérito perfeito, só há um caso de *-mos* no imperfeito do indicativo (“que **nós não tínhamos** campo de grama...”), em 283 casos. Os demais 282 são com ausência de *-mos* (“**ai nós ficava** lá embaixo no centro comunitário... depois **nós vinha**”) (FOEGER, 2014, p. 126). Nestes casos, Naro, Görski e Fernandes (1999, p. 204) ainda registram cerca de 4% na amostra do Rio de Janeiro da década de 80, mas Foeger (2014, p. 126) só registra 0,4% na amostra de Santa Leopoldina-ES. Assim, Ø (zero) também marca o imperfeito, embora não haja ambiguidade temporal. Motivações funcionais, cognitivas e estruturais decididamente se alinham no entendimento destes fenômenos variáveis, porque o imperfeito do indicativo, além de ser de baixa saliência fônica na escala de Naro, Görski e Fernandes (1999, p. 203), está envolvido em um fenômeno fonológico mais amplo de redução de proparoxítonas.

Motivados pelos resultados de Foeger (2014), decidimos verificar o que (1) ocorria com dados de uma amostra da Baixada Cuiabana, no estado do Mato Grosso, coletada no início da década de 2000 por Rachel Dettoni (cf. DETTONI, 2003) e (2) com dados amostra do *Português Falado na Cidade de Vitória* (PortVix), na capital do estado do Espírito Santo, organizada também no início da década de 2000, sob a coordenação de Lilian Yacovenco (cf. YACOVENCO *et al*, 2012). Além disso, revisitamos os dados de Foeger (2014).

Com base nestas três amostras, Naro, Scherre, Foeger & Benfica (2014) apresentam resultados do efeito de tempo e do tipo paradigmático verbal na concordância variável com o pronome *-nós*, como uma só variável, a partir de um controle minucioso dos verbos em função do tempo, do tipo paradigmático e da saliência fônica, com o objetivo também de visitar as previsões de Naro, Görski e Fernandes (1999). Em 2017, Naro, Scherre, Foeger & Benfica publicam seus resultados em formato sintético para estas três amostras.

Naro, Scherre, Foeger & Benfica (2017, p. 227) reafirmam a existência de tendências gerais e princípios subjacentes, que gerenciam a variação na concordância com o pronome *nós*:

(I) Desfaça a ambiguidade entre presente e pretérito perfeito [do indicativo] quando estas duas formas forem potencialmente idênticas, reservando *-mos* para o pretérito (princípio funcional). Observe que, para o pretérito, a oposição formal entre formas com e sem *-mos* está principalmente no nível de saliência alto, enquanto as formas de tempo presente regular com e sem *-mos* estão principalmente no nível baixo (princípio cognitivo).

(II) Também use *-mos* para as formas de presente que não são idênticas ao pretérito, que tendem a ser irregulares e mostram saliência fônica alta para a oposição singular/plural em 90% dos dados relevantes (princípio cognitivo).

(III) Evite formas proparoxítonas, desfavorecendo então o uso de *-mos* no imperfeito, de acordo com uma tendência fonológica no português brasileiro falado de evitar acento na antepenúltima sílaba eliminando uma sílaba (princípio estrutural). Estas formas estão na base da hierarquia da saliência fônica nas quais a oposição é não acentuada em ambas as formas (...), embora o acento [na antepenúltima sílaba] seja menos frequente no português brasileiro.⁹

Posteriormente, os dados de uma amostra de Goiás, de Mattos (2013), são incorporados à análise e, então, com base em dados de quatro amostras (Santa Leopoldina-ES, Baixada Cuibana-MT, Vitória-ES e Goiás), Scherre, Naro, Mattos, Foeger e Benfica (2014) apresentam resultados da concordância com o pronome *nós* no *New Ways of Analyzing Variation* (NWAV) 43, em Chicago/Estados Unidos, focalizando dados do pretérito imperfeito, do presente e do pretérito perfeito do modo indicativo, distinguindo os casos de formas iguais e formas diferentes para o presente e para o pretérito perfeito. A seguir, Scherre, Yacovenco, Naro, Mattos, Foeger e Benfica (2015) apresentam resultados também da alternância *nós* com *-mos* e *a gente* sem *-mos* no *New Ways of Analyzing Variation* (NWAV) 44, em Toronto/Canadá, incorporando breve discussão de fatores sociais. Os resultados obtidos vão na mesma linha das previsões de Naro, Görski e Fernandes (1999) e das constatações de Foeger (2014), embora com uma análise de configuração um pouco diferente, que busca captar a relação entre tempo e saliência por meio de uma só variável independente tempo e tipos paradigmáticos, propiciando uma visão de conjunto mais clara dos fatos. Os resultados destas apresentações não foram publicados.

Scherre, Yacovenco e Naro (2015), por sua vez, apresentam resultados no evento *Gallaecia - III Congresso Internacional de Linguística Histórica*, em Santiago de Compostela, em que avaliam a necessidade de uma abordagem analítica ternária das construções de (1) *nós* com *-mos* (*nós dormimos/nós fomos/nós vamos/nós morávamos*), (2) *nós* sem *-mos* (*nós dormiu/nós dorme/nós foi/nós vai/nós morava*) e (3) *a gente* sem *-mos* (*a gente dormiu/ a gente dorme/ a gente foi/ a gente vai/ a gente mora*) para um entendimento holístico das preferências sincrônicas destas três construções, em função também do tempo e tipo de paradigma verbal no modo indicativo, nos moldes de Scherre, Naro, Mattos, Foeger e Benfica (2014) e de Scherre, Yacovenco, Naro, Mattos, Foeger e Benfica (2015), mas com base em apenas duas amostras, a da Baixada Cuibana-MT e a de Vitória-ES. Naquele momento, fazem suas análises com resul-

9 No original: “I. Undo ambiguity between preterit and present when these two forms are potentially identical by reserving *-mos* preferentially for preterit (functional principle). Notice that for the preterit the formal opposition between forms with and without *-mos* is mainly on the level of high saliency, while regular present tense forms are mainly on the low level (cognitive principle). II. Also use *-mos* for present tense forms that are not identical to the preterit, most of which are irregular and show high phonic salience for the singular/plural opposition in about 90% of the relevant data (cognitive principle). III. Avoid antepenultimate stressed forms, thus disfavoring use of *-mos* in the imperfect, in accordance with a general phonological tendency in spoken Brazilian Portuguese to avoid antepenultimate stress by eliminating a syllable (structural principle). These forms are all on the low end of the hierarchy of phonic salience in which the opposition is unstressed in both forms (Naro, Görski, & Fernandes, 1999: 203), although antepenultimate stress itself is less frequent in Brazilian Portuguese.” (NARO; SCHERRE; FOEGER; BENFICA, 2017, p. 227)

tados percentuais, tendo em vista a dificuldade de uma abordagem ternária em termos de pesos relativos (frequências corrigidas ou projetadas), por meio da ferramenta estatística Varbrul, largamente usada na Sociolinguística Variacionista até a primeira década do século XXI.¹⁰ O programa está disponível apenas na versão implementada por Pintzuk (1988/1992) e não se executa em computadores mais modernos.

Em 2018, sai publicado o texto com resultados de Scherre, Yacovenco & Naro (2015). Uma das reflexões mais importantes da abordagem ternária, em função do tempo e do tipo de paradigma verbal no modo indicativo, é a que se transcreve abaixo, em que se observa breve ensaio do entendimento de uma dinâmica diacrônica por meio da análise dos dados sincrônicos:

A segunda questão que também salta aos olhos com a análise ternária é o entendimento da porta de entrada de *a gente* sem *-mos*, pelo imperfeito e pelo presente, em especial pelo presente que pode ter a mesma forma do pretérito. Na possibilidade real de produção de *nós* sem *-mos*, seja por força natural da prosódia do português brasileiro, que evita construções proparoxítonas, seja para desfazer ambiguidade potencial e assegurar uma leitura de tempo presente, o que gera estruturas com estigma, sujeitas ao preconceito e à intolerância linguística pela comunidade de fala brasileira letrada (Scherre / Naro 2014), a ampliação e a expansão dos usos de *a gente* sem *-mos*, com especial força em áreas urbanas mais amplas, se apresentam como uma estratégia intuitiva, que permite resolução de conflitos sociolinguísticos, por meio de mais usos de estruturas com concordância. (SCHERRE; YACOVENCO; NARO, 2018, p. 23)

A história ainda é mais longa do a que aqui relatamos. Tivemos como objetivo apenas contextualizar o que vamos apresentar a seguir, que amplia os limites da história acima sintetizada, por meio de resultados de pesos relativos da escala da saliência para a primeira pessoa, remodelada, com recortes binários tradicionais, recortes binários alternativos, recortes ternários e discussões a respeito de inferências diacrônicas a partir de análises sincrônicas por meio de uma variável linguística. Como bem coloca Labov (1981, p.183), “estamos frequentemente na posição de tentar fazer as melhores suposições possíveis a respeito de mudanças (...) a partir de dados sincrônicos”,¹¹ dada a inexistência de estudos anteriores, na maioria das vezes.

10 Nesta segunda década do século XXI, há amplo uso de modelos de regressão múltipla de efeitos mistos, que já estão sendo considerados de uso quase obrigatório em análises de fenômenos variáveis e nos trabalhos que são propostos para o principal evento da Teoria da Variação e da Mudança Linguística, o New Ways of Analyzing Variation (NWAV). Sua versão 47 ocorreu em outubro de 2018 na New York University (NYU). Estes modelos têm a possibilidade de levar em conta na análise variáveis de efeitos aleatórios, como o indivíduo e/ou o item lexical (cf., por exemplo, Johnson (2009)). Até o presente momento, temos visto que os resultados obtidos por modelos de efeitos fixos, como os da série Varbrul, e os de efeitos mistos, disponíveis na plataforma R, para variáveis robustas são bem semelhantes (cf., por exemplo, Oushiro (2015)). As diferenças, por ora, se dão em variáveis sociais menos robustas. Mesmo assim, temos de estar atentos às mudanças que nos cercam e buscar comparar resultados produzidos por diferentes modelos de regressão múltipla. Caso contrário, corremos o risco de ficar fora do novo mercado sociolinguístico variacionista.

11 No original: “(...) we will often be in the position of trying to make the best guesses we can about change in progress from synchronic data”. (LABOV, 1981, p.183)

Nossa análise

Variantes focalizadas e escala da proeminência

A seguir, vamos apresentar resultados de uma reanálise da variável tempo e tipo de paradigma verbal do modo indicativo e sua relação com a saliência fônica para três variantes ou construções recorrentes: *nós* com *-mos* ou padrão antigo; *nós* sem *-mos* ou não padrão; e *a gente* sem *-mos*, padrão emergente, com recortes binários tradicionais, recortes binários alternativos e um recorte ternário, todos com resultados expressos também em pesos relativos, tendo em vista que recuperamos um computador antigo, apto a executar o Varbrul implementado por Pintzuk (1988/1992).

Há uma quarta construção, *a gente fomos/a gente perguntamos/a gente passeamos/a gente somos*, com sujeito explícito, mas pouco frequente nos dados das quatro amostras analisadas (cf. SCHERRE, YACOVENCO; NARO, 2018, p. 15), sem possibilidade de análise quantitativa de projeção de efeitos. A única pesquisa de que temos conhecimento que relata um número significativo de dados com *a gente* com *-mos* é a de Naro, Görski & Fernandes (1999, p. 207-208), sem a especificação de sujeito explícito ou não, mas, sim, de sujeito distante ou próximo. Mattos (2013) trata também destes casos e verifica que com *a gente* com *-mos* há 0,4% com sujeito expresso (5/1327) e 13% com sujeito não expresso. Pondera que se trata de um fenômeno mais de explicitação de referência do que propriamente de concordância, à semelhança dos casos de coletivos singulares (cf., também, MATTOS; SCHERRE, 2017). A construção *a gente* com *-mos* é sujeita a estigma urbano, registrada com reservas pela tradição gramatical, especialmente com sujeito próximo, na verdade explícito (cf. BECHARA, 1999, p. 555), embora seja mais frequente no português europeu do que no português brasileiro (cf. RUBIO, 2012: 201-227). O tratamento aprofundado destes casos em nossas amostras fica para um outro momento da história, mas já sabemos que os poucos casos *a gente* com *-mos* com sujeito expresso observados tendem a ocorrer também com pretérito perfeito ou com presente do indicativo mais saliente.

Para as três construções sob análise, a variável remodelada por Naro & Scherre (2016) é denominada de escala da proeminência, em função do tempo, da ambiguidade temporal e da saliência fônica. Nossa reanálise sintetiza o cruzamento da ambiguidade temporal e saliência fônica, com cinco categorias, reorganizando parcialmente as categorias estabelecidas por Naro, Görski e Fernandes (1999) e Scherre, Yacovenco e Naro (2018). Mantivemos uma categoria para o imperfeito, distinguimos três para o tempo presente e agrupamos todos os casos de pretérito. Estas cinco categorias são sintetizadas abaixo (com exemplos no Quadro 1, retirados dos dados de nossas amostras, mas sem contexto discursivo amplo):

1) imperfeito - casos em que não há ambiguidade temporal com presente e com pretérito perfeito, todos de oposição menos saliente [-Amb, -Sali];

2a) presente igual ao pretérito - presente com possibilidade de ambiguidade temporal [+Amb], com predominância de formas de oposição menos saliente [-Sali] e alguns casos de oposição mais saliente [+Sali];

2b) presente diferente do pretérito, sem possibilidade de ambiguidade temporal e com oposição menos saliente [-Amb, -Sali];

2c) presente diferente do pretérito, sem possibilidade de ambiguidade temporal e com oposição mais saliente [-Amb, +Sali];

3) pretérito perfeito, com ambiguidade temporal e oposição mais saliente [+Amb,+Sali), sem ambiguidade temporal com oposição mais saliente [+Amb, +Sali] e com ambiguidade temporal com oposição menos saliente [+Amb, -Sali].

Variantes Fatores: tempo, ambiguidade e saliência	Nós com -mos ou padrão antigo	Nós sem -mos ou não padrão	A gente sem -mos ou padrão emergente
	Concordância plural Construção sem estigma com registro preferencial pela tradição gramatical	Não concordância Construção com estigma sem registro da tradição	Concordância singular Construção sem estigma com registro marginal pela tradição marginal
1) Imperfeito [-Sali]	<i>Nós morávamos</i> <i>Nós tínhamos chegado</i>	<i>Nós morava</i> <i>Nós tinha um quintal</i>	<i>A gente morava</i> <i>A gente não tinha medo</i>
2a) Presente[+Amb] predominantemente [-Sali] com poucos casos [+Sali]	<i>Nós moramos aqui, minha mãe tem uma loja aqui</i> <i>Nós saímos</i>	<i>...porque nós mora numa avenida assim</i> <i>Nós sai</i>	<i>A gente mora de aluguel</i> <i>A gente sai</i>
2b) Presente [-Amb, -Sali]	Nós sabemos Nós trazemos Nós fazemos	Nós sabe Nós traz(i) Nós faz(i)	A gente sabe A gente traz(i) A gente faz(i)
2c) Presente [-Amb,+Sali]	<i>Nós temos</i> <i>Nós damos</i> <i>Hoje nós vamos...</i> <i>Nós somos</i>	<i>Nós tem</i> <i>Nós dá</i> <i>Nós vai fazê um bar- raco</i> <i>Nós é pobre, mas...</i>	<i>A gente tem</i> <i>A gente dá</i> <i>A gente vai pulando...</i> <i>A gente é limpinho</i>
3) Pretérito pref. [+Amb, +Sali] [-Amb, -Sali] [-Amb, +Sali]	<i>Nós moramos lá</i> <i>Nós saímos</i> <i>Nós soubemos</i> <i>Nós trouxemos</i> <i>Nós tivemos</i> <i>Nós fizemos</i> <i>Ai nós fomos morar lá</i>	<i>Nós morou lá</i> <i>Nós saiu</i> <i>Nós soube</i> <i>Nós trouxe</i> <i>Nós teve</i> <i>Nós fez(i)</i> <i>Nós foi prá igreja crente</i>	<i>A gente mora aqui</i> <i>A gente saiu</i> <i>A gente soube</i> <i>A gente trouxe</i> <i>A gente teve</i> <i>A gente fez(i)</i> <i>A gente foi criado com isso</i>

Quadro 1: Escala da proeminência em função da ambiguidade temporal e de dois níveis da saliência fônica: análise ternária da variação entre *nós* e *a gente*

Amostras, *super tokens*, distribuição geral dos dados analisados

Nesta etapa de análise e exposição de resultados, vamos nos apoiar nos dados das quatro amostras de entrevistas sociolinguísticas já mencionadas, a saber, (1) a de Santa Leopoldina, Espírito Santo (FOEGER, 2014), de 2013; (2) a da Baixada Cuiabana, Mato Grosso (DETTONI, 2003), de 2000; (3) a do estado de Goiás (MATTOS, 2013), de 2008; e (4) a de Vitória, Espírito Santo (YACOVENCO et alii, 2012; MENDONÇA, 2010; BENFICA, 2014), de 2000-2002.¹²

Estas quatro amostras, organizadas na primeira e na segunda década de 2000, representam um *continuum* rural-urbano, com a seguinte caracterização:

1) Santa Leopoldina, área rural do estado do Espírito Santo: 32 falantes, estratificados em função do sexo masculino e feminino, da faixa etária (7-14 anos; 14-25; 26-49; acima de 49 anos) e dos anos de escolarização (1-5 anos - ensino fundamental I; 6-9 anos - ensino fundamental II) (cf. FOGER, 2014, p. 53-65; 68-72);

2) Baixada Cuiabana, 80% em área urbana, no estado de Mato Grosso: 19 falantes, estratificados em função do sexo masculino e feminino, da faixa etária (15-25 anos; 26-49; acima de 49) e dos anos de escolarização (sem escolarização; 1-4 anos; 5 a 8; 9 a 11; e mais de 11) (cf. DETTONI, 2003, p. 8-13; 103-110).

3) Goiás: 55 falantes estratificados em função do sexo masculino e feminino, da faixa etária (16-24 anos; 25-40; acima de 40) e dois anos de escolarização (10 a 11; e mais de 11) (MATTOS, 2013, p. 18-24).

4) Vitória, capital do estado de Espírito Santo: 40 falantes dos 46 da amostra Port-Vix, estratificados em função do sexo masculino e feminino, da faixa etária (7-14 anos, 15-25; 26-49; acima de 49) e dos anos de escolarização (1-8 anos; 9 a 11; e mais de 11) (YACOVEN-

12 Agradecemos de coração a Raquel Dettoni (DETTONI, 2003), Alexandre Mendonça (MENDONÇA, 2010), Shirley Mattos (MATTOS, 2013), Camila Foeger (FOEGER, 2014) e Samine Benfica (BENFICA, 2016) por nos terem permitido utilizar seus arquivos de dados, para que fizéssemos um controle detalhado de tipos de verbos, fato que possibilitou análises diversas do efeito do tempo verbal, de paradigmas verbais e da saliência fônica da oposição singular/plural, para os casos de *nós* e *a gente*. Nove apresentações de resultados em congressos nacionais e internacionais já foram feitas: (1) em Minho, Portugal (NARO; SCHERRE; FOEGER; BENFICA, 2014); (2) em Chicago, Estados Unidos (SCHERRE; NARO; MATTOS; FOEGER; BENFICA, 2014); (3) em Santiago de Compostela, Espanha (SCHERRE; YACOVENCO; NARO, 2015); (4) em Toronto, Canadá (SCHERRE; NARO; YACOVENCO; MATTOS; FOEGER; BENFICA, 2015); (5) em Mariana, Brasil (SCHERRE; YACOVENCO; NARO, 2016); (6) em Vancouver, Canadá (NARO; SCHERRE, 2016); (7) no Rio de Janeiro, Brasil (SCHERRE; NARO; YACOVENCO, 2017); (8) em Madison, Estados Unidos (YACOVENCO, SCHERRE; NARO; MENDONÇA; FOEGER; BENFICA, 2017); (9) em Vitória, Brasil (SCHERRE, YACOVENCO, 2017). Já estão disponíveis as seguintes publicações: (1) Foeger; Yacovenco; Scherre (2017); (2) Naro; Scherre; Foeger; Benfica (2017); (3) Scherre; Yacovenco; Naro (2018); e (4) Yacovenco, Scherre; Naro; Mendonça; Foeger; Benfica (2018).

CO et alii, 2012, p. 774-777; MENDONÇA, 2010, p. 22-23).

Ressaltamos que as amostras são bem distintas, fato que aguça o nosso interesse. Relembramos que, com os resultados que vamos apresentar com relação à escala da proeminência, com recortes binários e eneários, nosso objetivo é buscar avançar no estabelecimento de inferências diacrônicas, além de entender dinâmicas sincrônicas, tendo em vista que a construção de *nós* com *-mos* é o padrão antigo, registrado por todos os textos da tradição gramatical, e as outras duas construções, *nós* sem *-mos* e *a gente* sem *-mos*, são mais novas, uma é não padrão e a outra é um padrão emergente.

Para exemplificar o fenômeno variável sob análise, de forma mais ampla, apresentamos a seguir dois exemplos,¹³ um deles *super token*, ou seja, em que há as três variantes em um trecho extraído da fala de uma mesma pessoa, que constitui a exemplificação ideal, nos termos de Tagliamonte (2012, p. 111).

Neste nosso artigo, o vermelho resalta o **padrão antigo**; o azul, o **não padrão**; e o verde, o **padrão emergente**:

1)...*nóf tinha*... prantação lá, *nóf tinha* feijão, *tinha* milho, *tinha* arof, mandioca, banana, tudo isso *nóf tinha* né, *fazia* farinha né, e: então sempre: *tinha* o que comer, *nói* num *tinha* dinheiro, mai o que comer *nóf* sempre *tinha* né, nunca *faltava* sem comer porque *a dzente morava* na beira da roça né, (...) (...) (...) Pois é, era um quarto grande né, eu num lembro se ela comprou ou se dero pra ela morar lá, eu sei que *nói mudamo* de lá da beira da roça e *fomo* morar lá, era... cobeŕto de capim e ba, e de baŕote, era já uma casinha bem melhor né, era duas vez melhor do que aonde *nóS morava* né, mas o: o piso num era piso assim, nem de: de concreto, que agora quando conStrói, quando, quando *a dzente mudou* aqui era só piso de concreto que tinha feito, aí o piso desse aqui *a dzente fef* depoS... (Baixada Cuiabana, falante com a 1-4 anos escolarização, do sexo masculino, com 65 anos de idade)

2) Então aquela parma benta *nós temo* ele com grande valor em nossa casa. Se vem um vento, *nós panha* três palminha dele e põe no fogo. Se *nós tá* com uma dor, *panha* três raminho, cozinha com boa fé que aquele é abençoado por Deus, a dor que for *nós tamos* curado dele. (Baixada Cuiabana, falante com a 1-4 anos de escolarização, do sexo feminino, com 39 anos de idade)

13 Estes exemplos foram extraídos da amostra da Baixada Cuiabana-MT. No exemplo 1, especialmente, há marcas características do *falar cuiabano*, que são, por exemplo, (1) ampla palatalização sem ditongação como em *nóf* para a palavra *nós*; (2) uso generalizado de rotacismo, como na palavra *plantação* (*prantação*); (3) presença da vibrante simples como nas palavras *arroz* (*aroŕ*), *roça* (*roça*) ou *quarto* (*quarto*); e (4) a africada surda [tʃ] e sonora [dʒ] em palavras como *baixo* e *gente*, o mais característico de todos os traços (cf. ALMEIDA; COX; 2005; DETTONI, 2003; SCHERRE; YACOVENCO; NARO, 2018, p.15-17). Aproveitamos também para ilustrar a realização mais usual do morfema *-mos* como “mo”, que é um fato já amplamente conhecido.

Os resultados a serem apresentados e discutidos a seguir se baseiam em 1757 dados de Santa Leopoldina (32 falantes), 785 da Baixada Cuiabana (19 falantes), 2148 de Goiás (55 falantes) e 1517 dados de Vitória (40 falantes), distribuídos pelas três variantes (Tabela 1): padrão antigo (*nós* com *-mos*); não padrão (*nós* sem *-mos*) e padrão emergente (*a gente* sem *-mos*). A distribuição global de usos das três construções na Tabela 1 indica que as quatro amostras apresentam percentuais semelhantes de padrão antigo (*nós* com *-mos*), têm índices relativamente mais altos de padrão emergente (*a gente* sem *-mos*), mas divergem visivelmente nos índices da construção não padrão (*nós* sem *-mos*), com 24,2% para Santa Leopoldina e 27,9% para a Baixada Cuiabana, por um lado; e 5,7% e 3,8% para Goiás e Vitória, por outro lado.

Variantes	<i>Nós</i> com <i>-mos</i> ou padrão antigo		<i>Nós</i> sem <i>-mos</i> ou não padrão		<i>A gente</i> sem <i>-mos</i> padrão emergente	
	Concordância plural		Não concordância		Concordância singular	
Amostras	Construção sem estigma com registro preferencial na tradição gramatical		Construção com estigma sem registro na tradição gramatical		Construção sem estigma com registro marginal na tradição gramatical	
	<i>Nós dormimos</i> <i>Nós fomos</i> <i>Nós vamos</i> <i>Nós morávamos</i>		<i>Nós dormiu</i> <i>Nós dorme</i> <i>Nós foi</i> <i>Nós vai</i> <i>Nós morava</i>		<i>A gente dormiu</i> <i>A gente dorme</i> <i>A gente foi</i> <i>A gente vai</i> <i>A gente morava</i>	
Santa Leopoldina (32 falantes)	386/1757	22,0%	425/1757	24,2%	946/1757	53,8%
Baixada Cuiabana (19 falantes)	216/785	27,5%	219/785	27,9%	350/785	44,6%
Goiás (55 falantes)	455/2148	21,2%	123/2148	5,7%	1570/2148	73,1%
Vitória (40 falantes)	403/1517	26,6%	57/1517	3,8%	1057/1517	69,7%

Tabela 1: Distribuição global dos usos de *nós* e *a gente* em amostras de fala de Santa Leopoldina-ES, da Baixada Cuiabana-MS; do estado de Goiás e de Vitória-ES: análise ternária

Aspectos quantitativos

Vamos apresentar análises binárias e ternárias, como os pesos relativos e as percentagens (%) de cada fator, com frequências absolutas para cada fator, com as quantidades da variante de referência (*n*) e dos totais das variantes na análise (*N*) nas análises binárias, e para cada uma das três variantes nas análises ternárias. Vamos também apresentar percentuais totais e os *inputs*, valor do percentual geral projetado, da variante de referência nos recortes binários de cada variante nos recortes ternários.

Em análises binárias, o peso relativo de efeito intermediário ou de efeito neutro, a depender da distribuição dos dados (cf. GUY; ZILLES, 2007, p. 239; NARO, 2003, p. 24) é de 0,50 e, em análises de três variantes, é de 0,33 (SCHERRE; NARO, 2003, p. 174-175). Assim, em análises binárias, valores acima de 0,50 são interpretados como favorecedores da variante de referência e valores abaixo de 0,50, como desfavorecedores. Em análises ternárias, valores acima de 0,33 é que são interpretados como favorecedores e, abaixo de 0,33, como desfavorecedores de cada uma três das variantes. O fundamental, todavia, é a ordenação e a comparação dos efeitos, não suas grandezas absolutas, por isto a denominação de pesos relativos (cf. GUY; ZILLES, 2007, p. 211-213; 239; NARO, 2003, p. 24; SANKOFF, 1988, p. 898-990). O programa usado para as análises binárias foi o *GoldVarb X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) e, para as análises ternárias, o *Tvarb* do pacote *Varbrul* implementado por Pintzuk (1988/1992).¹⁴

A variante tomada como referência em nossas análises binárias nas Tabelas 2, 3 e 4 é *nós* com *-mos* e na Tabela 5 é *nós* sem *-mos*. Nas análises não ternárias, não há variante de referência: os pesos relativos são calculados para cada uma das três variantes sob análise.

É também importante ter atenção voltada para os valores de *input* (ou p_0), que devem se aproximar da taxa geral de uso da variante, se houver distribuição equilibrada dos dados, e em relação ao qual os pesos relativos dos fatores são calculados, para que possa haver uma medida para centrar os resultados e possibilitar a comparação da hierarquia dos resultados em função dos pesos relativos (cf. GUY; ZILES, 2003, p. 238; NARO, 2003, p. 24; SANKOFF, 1988, p. 989-990; SANKOFF; TAGLIAMONTE, 2012, p. 120-161). Devemos estar atentos ao valor do *input* inicial e ao valor do *input* no nível em que se encontram todas as variáveis estatisticamente significativas, em recortes binários. Se houver desequilíbrio na distribuição dos dados, “o *input* deve corrigir este desequilíbrio, e, portanto, desviar-se da frequência calculada para a amostra total.” (GUY; ZILES, 2003, p. 238). No caso de recortes ternários, não há seleção de variáveis, porque não há vários níveis de análise pelo programa, e eventuais desequilíbrios amostrais podem ser observados pela frequência global de cada variante, o *input* e os pesos relativos dos fatores projetados. Enfim, tendo em vista que o *input* é o valor global projetado e corrigido da variante de referência no caso de análises binárias e para cada uma das variantes no caso de análises não binárias e que “os pesos ‘relativos’ dos fatores se calculam em relação a este nível geral” (GUY; ZILES, 2003, p. 238), os pesos relativos são, portanto, desvios em relação à média, em função das colunas na saída dos resultados estatísticos, e não podem ser diretamente relacionados à distribuição das variantes pelas linhas, que são importantes para a análise, mas não são uma medida direta do efeito dos fatores (nas Tabelas em que são apresentados os resultados).

14 Detalhes sobre os programas dessa versão do pacote *Varbrul* podem ser vistos em Scherre e Naro (2003, p. 159-161)

Dois recortes binários tradicionais

Efetuamos primeiramente dois recortes binários sincrônicos tradicionais,¹⁵ a saber, *nós*-com *-mos* vs. *nós* sem *-mos*, padrão antigo vs. não padrão (Tabela 2); e *nós* com *-mos* vs. *a gente* sem *-mos*, padrão antigo versus padrão emergente (Tabela 3).

Amostras→	Santa Leopoldina -ES 2013 Sudeste	Baixada Cuiabana -MT 2000 Centro-Oeste	Goiás 2008 Centro-Oeste	Vitória-ES 2000 Sudeste
Fatores	Peso relativo % (n/N)	Peso relativo % (n/N)	Peso relativo % (n/N)	Peso relativo % (n/N)
1) Imperfeito [-Sali]	0,003 0,4% (1/283)	0,085 12,5% (17/136)	0,099 51,5% (51/99)	0,013 26,9% (14/52)
2a) Presente [+Amb]	0,096 7,0% (8/115)	0,266 25,0% (24/96)	0,180 47,4% (18/38)	0,150 87,1% (27/31)
2b) Presente [-Amb, -Sali]	0,230 16,7% (3/18)	0,750 73,3% (11/15)	0,482 80,0% (8/10)	0,399 90,5% (19/21)
2c) Presente [-Amb, +Sali]	0,831 81,3% (87/107)	0,799 81,4% (96/118)	0,744 91,9% (113/123)	0,502 93,5% (115/123)
3) Pretérito Perfeito	0,998 99,7% (287/288)	0,975 97,1% (68/70)	0,616 86,0% (265/308)	0,772 97,9% (228/233)
Total	47,6% (386/811)	49,7% (216/435)	78,7% (455/578)	87,6% (403/460)
Input nível zero	0,459	0,497	0,787	0,876
Input nível seleção	0,476	0,553	0,872	0,971
Significância	0,047	0,001	0,000	0,009

Tabela 2: *Nós* com *-mos* (padrão antigo) vs. *nós* sem *-mos* (não padrão) em função da escala da proeminência em quatro amostras das duas primeiras décadas do século XXI

Os resultados da Tabela 2 indicam que o imperfeito e o presente mais ambíguo desfavorecem *nós* com *-mos* (complementarmente, favorecem *nós* sem *-mos*): os casos de imperfeito são os menos salientes e os de presente ambíguo são, na sua maioria, também menos salientes. Exceto para a Baixada Cuiabana, em que há apenas oposição entre presente ambíguo vs. presente não ambíguo, os casos de presente não ambíguo apresentam entre si também uma oposição entre os casos mais e menos salientes. O pretérito perfeito, que tende a ser mais saliente, favorece sistematicamente *nós* com *-mos*. Em síntese, temos reafirmada a conclusão de que *nós* sem *-mos* (não padrão) tende a ocorrer em oposições menos salientes e *nós* com *-mos* (padrão

15 Remetemos o leitor ao texto de Scherre, Yacovenco e Naro (2017, p. 14), que apresenta uma lista de diversos trabalhos sobre o tema aqui abordado.

antigo) tende a ocorrer em oposições mais salientes.

Os resultados do recorte analítico de *nós* com *-mos* (padrão antigo) vs. *a gente* sem *-mos* (padrão emergente) (Tabela 3) indicam as mesmas tendências acima relatadas, até com mais regularidade. Assim, os resultados da escala da proeminência ressaltam que o padrão antigo é privilegiado nos ambientes predominantemente mais salientes do ponto de vista perceptual e funcional (presente -ambíguo mais saliente e pretérito) e o padrão emergente vai ocupar preferencialmente os espaços estruturais que podem produzir mais facilmente uma configuração não padrão, pela ausência de *-mos* (imperfeito e presente ambíguo).

Amostras→	Santa Leopoldina-ES 2013 Sudeste	Baixada Cuiabana-MT 2000 Centro-Oeste	Goiás 2008 Centro-Oeste	Vitória-ES 2000 Sudeste
Fatores	Peso relativo % (n/N)	Peso relativo % (n/N)	Peso relativo % (n/N)	Peso relativo % (n/N)
1) Imperfeito [-Sali]	0,021 0,4% (1/274)	0,315 12,8% (17/133)	0,345 11,1% (51/459)	0,126 5,4% (14/258)
2a) Presente [+Amb]	0,178 2,7% (8/300)	0,259 18,3% (24/131)	0,153 3,9% (18/464)	0,272 7,8% (27/345)
2b) Presente [-Amb, -Sali]	0,189 5,3% (3/57)	0,331 27,5% (11/40)	0,407 12,1% (8/66)	0,446 18,8% (19/101)
2c) Presente [-Amb, +Sali]	0,832 29,6% (87/294)	0,600 56,5% (96/170)	0,659 27,7% (113/408)	0,593 27,9% (115/412)
3) Pretérito Perfeito	0,940 70,5% (287/407)	0,899 73,9% (68/92)	0,794 42,2% (265/628)	0,886 66,3% (228/344)
Total	29,0% (386/1332)	38,2% (216/566)	22,5% (455/2025)	27,6% (403/1460)
Input nível zero	0,290	0,382	0,225	0,276
Input nível seleção	0,083	0,326	0,138	0,144
Significância	0,004	0,000	0,000	0,000

Tabela 3: *Nós* com *-mos* (padrão antigo) vs. *a gente* sem *-mos* (padrão emergente) em função da escala da proeminência em quatro amostras das duas primeiras décadas do século XXI

Em síntese, com estes recortes tradicionais de padrão antigo vs. não padrão e de padrão antigo vs. padrão emergente, verificamos que, em contextos de mais usos de *nós morava/nós mora/nós sai/nós faz*, emergem naturalmente *a gente morava/a gente mora/a gente sai/a gente faz*, o que se infere pelos pesos complementares aos calculados para a variante de referência, que, aqui, é *nós* com *-mos*, o padrão antigo.¹⁶

¹⁶ Cf., também, Zilles (2005, p. 50), com ponderações semelhantes a respeito do padrão emergente,

Naro & Scherre (2016, slide 46), após análises detalhadas e diversos testes de significância estatística, enfatizam que, com relação à concordância e à alternância na primeira pessoa do plural,

saliência e ambiguidade temporal de fato não são empiricamente distinguíveis no sentido analítico, uma vez que suas distribuições enviesadas as fazem altamente correlacionadas. Em vez de ver ambiguidade e saliência como variáveis independentes rivais, sua distribuição nos leva a vê-las como dois lados de uma mesma moeda: saliência de refere a uma distinção cognitiva/perceptual de formas em competição, enquanto ambiguidade se refere aos seus papéis funcionais na distinção das formas.¹⁷

Recortes binários alternativos

Na busca de inferimos processos diacrônicos envolvidos na análise dos dados sincrônicos, efetuamos novos recortes analíticos, inicialmente, de forma binária e, a seguir, de forma ternária.

A Tabela 4 apresenta um recorte entre *nós* com *-mos* vs. todos os casos sem o morfema *-mos*, com o pronome *nós* ou com o pronome *a gente*, ou seja, o padrão antigo vs. as duas formas mais novas, que tendem a ocupar o espaço do padrão antigo.

Amostras→	Santa Leopoldina -ES 2013 Sudeste	Baixada Cuiabana -MT 2000 Centro-Oeste	Goiás 2008 Centro-Oeste	Vitória-ES 2000 Sudeste
Fatores	Peso relativo % (n/N)	Peso relativo % (n/N)	Peso relativo % (n/N)	Peso relativo % (n/N)
1) Imperfeito [-Sali]	0,020 0,2% (1/556)	0,270 6,7% (17/252)	0,327 10,1% (51/507)	0,117 4,7% (14/296)
2a) Presente [+Amb]	0,251 2,0% (8/407)	0,306 11,8% (24/203)	0,158 3,7% (18/484)	0,293 7,7% (27/349)
2b) Presente [-Amb, -Sali]	0,301 4,2% (3/72)	0,469 25,0% (11/44)	0,417 11,8% (8/68)	0,472 18,4% (19/103)
2c) Presente [-Amb, +Sali]	0,948 27,7% (87/314)	0,707 50,0% (96/192)	0,673 27,0% (113/418)	0,609 27,4% (115/420)
3) Pretérito Perfeito	0,987 70,3% (287/408)	0,937 73,3% (68/94)	0,792 39,5% (265/671)	0,891 65,3% (228/349)
Total	22,0% (386/1757)	27,5% (216/785)	21,2% (455/2148)	26,6% (403/1517)

mesmo sem ter feito análises ternárias.

¹⁷ No original, “saliency and tense ambiguity are, in fact, not empirically distinguishable in the analytical sense since their skewed distributions make them highly correlated. Rather than viewing ambiguity and saliency as rival independent variables, their distribution leads us to view them as two sides of the same coin: saliency refers to the cognitive/perceptual distinctiveness of competing forms, while ambiguity refers to their functional roles in distinguishing tenses.” (NARO; SCHERRE, 2016, slide 45)

<i>Input</i> nível zero	0,220	0,275	0,212	0,266
<i>Input</i> nível seleção	0,026	0,188	0,127	0,140
Significância	0,009	0,005	0,000	0,000

Tabela 4: *Nós com -mos* (padrão antigo) vs. *nós sem -mos* (não padrão) e *a gente sem -mos* (padrão emergente) em função da escala da proeminência em quatro amostras das duas primeiras décadas do século XXI

Tendo em vista os resultados já relatados nas Tabelas 2 e 3, nossa expectativa era exatamente a de demonstrar, com o conjunto de todos os dados, que a variante padrão é retida nos ambientes mais salientes e preterida nos ambientes menos salientes. Em outras palavras, a variante padrão (*nós com -mos*) cede espaço para entrada das variantes novas (*nós sem -mos* e *a gente sem -mos*) predominantemente nos ambientes menos salientes, imperfeito, presente ambíguo e presente ambíguo menos saliente.

A Tabela 5, por sua vez, apresenta o recorte analítico de *nós sem -mos* vs. *a gente sem -mos*: contrasta as duas variantes mais novas entre si, a não padrão e o padrão emergente, na busca de estabelecer o espaço ocupado pelo padrão emergente.

Amostras→	Santa Leopoldina -ES 2013 Sudeste	Baixada Cuiabana-MT 2000 Centro-Oeste	Goiás2008 Centro-Oeste	Vitória-ES2000 Sudeste
Fatores	Peso relativo % (n/N)	Peso relativo % (n/N)	Peso relativo % (n/N)	Peso relativo % (n/N)
1) Imperfeito [-Sali]	0,808 50,8% (282/555)	0,770 50,6% (119/252)	0,626 10,5% (48/456)	0,825 13,5% (38/282)
2a) Presente [+Amb]	0,452 26,8% (107/399)	0,423 40,2% (72/179)	0,394 4,3% (20/466)	0,277 1,2% (4/322)
2b) Presente [-Amb, -Sali]	0,269 21,7% (15/69)	0,125 12,1% (4/33)	0,336 3,3% (2/60)	0,350 2,4% (2/84)
2c) Presente [-Amb, +Sali]	0,337 8,8% (20/227)	0,213 22,9% (22/96)	0,332 3,3% (10/305)	0,343 2,6% (8/305)
3) Pretérito Perfeito	0,016 0,8% (1/121)	0,184 7,7% (2/26)	0,632 10,6% (43/406)	0,731 4,1% (5/121)
Total	31,0% (425/1371)	38,5% (219/569)	7,3% (123/1693)	5,1% (57/1114)
<i>Input</i> nível zero	0,310	0,385	0,073	0,051
<i>Input</i> nível seleção	0,130	0,332	0,063	0,006
Significância	0,047	0,009	0,011	0,036

Tabela 5: *Nós sem -mos* (não padrão) vs. *a gente sem -mos* (padrão emergente) em função da escala da proeminência em quatro amostras das duas primeiras décadas do século XXI

Nos resultados da Tabela 5, vemos com precisão que *nós* sem *-mos*, a variante não padrão, mantém seu espaço nítido no campo do imperfeito, a base da escala da saliência: este é seu nicho inequívoco, nos resultados das quatro amostras (0,808; 0,770; 0,626; 0,825).

Mesmo em áreas urbanas como Vitória, a capital do Espírito Santo, que apresenta média baixa da variante não padrão, cerca de 4% na relação entre as três variantes (cf. Tabela 1), de 12% na relação com a variante padrão (cf. Tabela 2, com cerca de 88% de padrão antigo) e de 5% na relação com a variante padrão emergente (cf. Tabela 5), o imperfeito apresenta efeito alto (0,825), o maior na análise dos dados de Vitória. Assim, o efeito fonológico de redução das proparoxítonas é o mais forte, aliado à menor saliência da oposição singular/plural.

A maior nitidez da escala da proeminência se mostra nos dados de Santa Leopoldina, a amostra da área mais rural do ES, uma comunidade menos exposta à pressão da norma escolar e à pressão normatizadora da comunidade urbana. Neste caso, os extremos da escala da proeminência são cristalinos: o imperfeito favorece a variante não padrão (0,808); o pretérito perfeito a desfavorece (0,016), quase categoricamente. Em outras palavras, o nível mais baixo de saliência aceita a primeira nova variante, que é não padrão, e o nível de mais alta saliência a rejeita. Nesta etapa de nossa análise, que busca captar os fatos diacrônicos por meio dos dados sincrônicos disponíveis, observamos que a segunda nova variante, o padrão emergente, entra exatamente nos ambientes de proeminência mais alta para os dados de Santa Leopoldina: complementarmente, o peso da variante emergente é de 0,984 (1-0,016). Fato semelhante ocorre com os resultados da Baixada Cuiabana: 0,816 (1-0,184). Assim, ocorrem como maior naturalidade estruturas como *nós morava/nós saía/nós tinha/nós era*, por um lado, e *a gente morou/a gente saiu/a gente veio/a gente teve/a gente fez/a gente deu/a gente foi*, por outro, no contraste entre a variante não padrão e o padrão emergente.

Enfatizamos que o caminho diacrônico inferido e o mais provável (*nós falamos, nós fala, a gente fala*) não contém nenhuma etapa com variação entre *nós falamos* e *a gente fala*, embora seja esta a visão mais comum dos fatos sincrônicos, em função da análise tradicional da alternância entre *nós* vs. *a gente*, com ou sem agrupamento de *nós fala* aos outros casos de *nós falamos*. O comportamento dos dados de Santa Leopoldina é cristalino com relação a esta inferência. Trata-se da comunidade menos imune aos padrões da norma escolar e urbana, e se guia pela norma natural, intuitiva, com poucos conflitos internos explícitos: o sistema flui com naturalidade cognitiva, funcional e estrutural.

Por mais paradoxal que pareça, este fato, em termos de pesos relativos, não é claro nos dados de Goiás e de Vitória, as duas comunidades mais urbanas: nestas duas comunidades os resultados evidenciam favorecimento da variante não padrão pelo imperfeito e pelo pretérito perfeito: respectivamente, para Goiás, 0,626 e 0,632; e para Vitória, 0,825 e 0,731. Vejam que, para Goiás, os pesos relativos acompanham os percentuais: são estas as duas categorias que mais favorecem a variante não padrão (10,5% e 10,6, para uma média de 7,3%). Já sabemos

que há questões identitárias em jogo em Goiás, de valorização local da variante não padrão (cf. MATTOS, 2013; 2017), mas não temos evidência deste fato em Vitória. O fato é que Vitória é a comunidade mais urbana e a que tem menos variante não padrão. Mas, com relação a estes casos, é fato que os 4,1% de variante não padrão estão abaixo da média de 5,1%, mas menos abaixo, se compararmos com os dados de Santa Leopoldina, com 0,8% de pretérito perfeito com não padrão para uma média de 31,0%, e com os dados da Baixada Cuiabana, com 7,7%, para uma média de 38,5%.

Com lupa em todas as etapas da análise estatística multivariada, verificamos que, nos dados de Vitória, o efeito do pretérito perfeito favorecendo a variante não padrão já começa mais alto no primeiro nível de análise, mas aumenta 20 pontos com a entrada da faixa etária. Os cinco casos de *nós* sem *-mos* são todos na faixa dos falantes acima de 26 anos; quatro de mulheres. Retirado o peso das variáveis sociais, o peso relativo do pretérito se acentua, embora com poucos dados. A hipótese que por ora podemos levantar é que há mais conflitos sociolinguísticos na área urbana do que na área rural, aí refletido no uso de uma variante não padrão em um contexto inesperado, o de alta saliência fônica.

Antes de novas conjecturas, gostaríamos de verificar o que ocorre com a uma análise ternária em termos de pesos relativos (PINTZUK, 1988/1992), gerados pelos percentuais das três variáveis ao mesmo tempo, em termos de suas frequências e de seus respectivos *inputs*. Como já dissemos, conseguimos recuperar um computador antigo, o que nos possibilitou efetuar este tipo de análise.

Recortes ternários

Relembramos que, em análises binárias, o peso relativo de efeito intermediário ou de efeito neutro é de 0,50 e que, em análises de três variantes, é de 0,33. Assim, nas quatro tabelas que se seguem, de análises ternárias para cada uma das amostras, o peso relativo de referência é 0,33. Além disso, como já mencionado, é também importante ter atenção voltada para os valores de *input* (ou p_0), que devem se aproximar da taxa geral de uso da variante, se houver distribuição equilibrada dos dados. Enfatizamos que os pesos relativos são calculados tendo em vista os desvios em relação à média, em função das colunas na saída dos resultados estatísticos, e não podem ser diretamente relacionados à distribuição das variantes pelas linhas. As Tabelas 6, 7, 8 e 9 contêm, respectivamente, os resultados da análise ternários dados das amostras de Vitória-ES, de Santa Leopoldina-ES, da Baixada Cuiabana-MT e de Goiás.

Quando as três variantes são colocadas juntas em uma mesma análise, é possível observar, mais uma vez, que, em Vitória (Tabela 6), a variante padrão antiga tende a se manter nos ambientes de maior saliência fônica e/ou temporal (pesos de 0,848 para pretérito perfeito; 0,504 para presente não ambíguo e mais saliente; 0,417 para presente não ambíguo e menos saliente) e tende a desaparecer nos ambientes de menor saliência fônica (0,007 para o imperfeito) e de

menor saliência fônica e/ou temporal (0,181 para presente ambíguo). Além disso, os resultados da variante não padrão confirmam novamente que seu nicho é o imperfeito (a base da escala da saliência fônica): peso relativo de 0,965, com percentagem de 13%, para uma média de 4% desta variante e um *input* de 0.000. Os demais fatores inibem a permanência da variante não padrão na fala de Vitória-ES.

Agora, estamos mais aptos a entender os resultados do padrão emergente em Vitória que ocupa preferencialmente os espaços do presente ambíguo (0,713), substituindo estruturas como *nós fala*, a primeira variante nova, não padrão, por *a gente fala*, padrão emergente, com a manutenção de *nós falamos* para o pretérito perfeito como antevisto por Naro, Görski e Fernandes (1999): nestes casos, *-mos* tende realmente a ser marca de pretérito perfeito (0,848) e o presente se marca preferencialmente por zero com o padrão emergente *a gente fala* (0,713). Nesta relação ternária, o pretérito perfeito continua a não permitir a entrada das duas variantes novas (0,067 para a não padrão e 0,084 para o padrão emergente), como visto nas abordagens binárias tradicionais. Assim, os efeitos semelhantes do imperfeito e do pretérito perfeito, aparentemente paradoxais, se entendem pelas relações ternárias. No recorte ternário, que é um recorte das três variantes conjuntamente, as relações de tempo e saliência fônica se mostram regulares e no das duas variáveis novas lado a lado é que se percebe que as inferências ou conclusões diacrônicas se fazem a partir de dados de comunidades menos expostas a pressões coercitivas, muito presentes em comunidades urbanas.

Fatores	<i>Nós com -mos</i> (padrão antigo)			<i>Nós sem -mos</i> (não padrão)			<i>A gente sem -mos</i> (padrão emergente)		
	Peso relativo	%	$\frac{N}{N}$	Peso relativo	%	$\frac{n}{N}$	Peso relativo	%	$\frac{N}{N}$
1) Imperfeito [-Sali]	0,007	5	$\frac{14}{296}$	0,965	13	$\frac{38}{296}$	0,029	82	$\frac{244}{296}$
2a) Presente [+Amb]	0,181	8	$\frac{27}{349}$	0,106	1	$\frac{4}{349}$	0,713	91	$\frac{318}{349}$
2b) Presente [-Amb, -Sali]	0,417	18	$\frac{19}{103}$	0,203	2	$\frac{2}{103}$	0,379	80	$\frac{82}{103}$
2c) Presente [-Amb, +Sali]	0,504	27	$\frac{115}{420}$	0,158	2	$\frac{8}{420}$	0,338	71	$\frac{297}{420}$
3) Pretérito Perfeito	0,848	65	$\frac{228}{349}$	0,067	1	$\frac{5}{349}$	0,084	33	$\frac{116}{349}$
Total		27	$\frac{403}{1517}$		4	$\frac{57}{1517}$		70	$\frac{1057}{1517}$
Input		0,221			0,000			0,779	

Tabela 6: Efeitos ternários em função da escala da proeminência para a amostra de Vitória 2000

Assim, é no jogo entre as três variantes com seus respectivos *inputs* que se entende por que razão o efeito do imperfeito é baixo para o padrão emergente, não só para a amostra de Vitória (0,029), mas também para as amostras de Santa Leopoldina (0,109) e da Baixada Cuiabana (0,109 também), embora em termos percentuais haja equilíbrio no imperfeito para a variante não padrão e para o padrão emergente nos dados de Santa Leopoldina (51% e 49%; *inputs* 0,017 e 0,941) e Baixada Cuiabana (47% e 46%; *inputs* 0,075 e 0,569). Fatos desta natureza nos evidenciam com nitidez que uma análise de pesos relativos tem mais condições de ajustar os resultados percentuais, percentuais estes que podem não refletir a complexidade dos fatos (cf., por exemplo, Naro, Gorski e Fernandes (1999, p. 198-201)). Relembramos que este efeito baixo do imperfeito é também evidenciado na análise binária da variante não padrão vs.o padrão emergente (pesos relativos complementares baixos, inferidos da Tabela 5, que tem como variante de referência a variante não padrão).

As análises ternárias nos apresentam acima de tudo uma visão sincrônica da relação da relação entre as três variantes e a questão da saliência e do tempo. Nas quatro amostras analisadas, os dois níveis mais altos de saliência, pretérito perfeito e presente não ambíguo mais saliente, dão menos espaço para as variantes mais novas, a variante não padrão e o padrão emergente (Tabela 6, 7, 8 e 9): pesos de 0,067/0,158 e 0,084 e 0,338, em Vitória; de 0,000/0,024 e 0,006 e 0,026, em Santa Leopoldina; de 0,039/0,206 e 0,103 e 0,328, na Baixada Cuiabana; e de 0,271/0,147 e 0,130 e 0,260, em Goiás.

Fatores	<i>Nós com -mos</i> (padrão antigo)			<i>Nós sem -mos</i> (não padrão)			<i>A gente sem -mos</i> (padrão emergente)		
	Peso relativo	%	$\frac{N}{N}$	Peso relativo	%	$\frac{N}{N}$	Peso relativo	%	$\frac{N}{N}$
1) Imperfeito [-Sali]	0,000	0	$\frac{1}{556}$	0,891	51	$\frac{282}{556}$	0,109	49	$\frac{273}{556}$
2a) Presente [+Amb]	0,170	2	$\frac{8}{407}$	0,496	26	$\frac{107}{407}$	0,334	72	$\frac{292}{407}$
2b) Presente [-Amb, -Sali]	0,436	4	$\frac{3}{72}$	0,297	21	$\frac{15}{72}$	0,267	75	$\frac{54}{72}$
2c) Presente [-Amb, +Sali]	0,950	28	$\frac{87}{314}$	0,024	6	$\frac{20}{314}$	0,026	65	$\frac{207}{314}$
3) Pretérito Perfeito	0,993	70	$\frac{287}{408}$	0,000	0	$\frac{1}{408}$	0,006	29	$\frac{120}{408}$
Total		22	$\frac{386}{1757}$		24	$\frac{425}{1757}$		54	$\frac{946}{1757}$
Input		0,042			0,017			0,941	

Tabela 7: Efeitos ternários em função da escala da proeminência para a amostra de Santa Leopoldina-ES 2000

Relembramos que o nicho da variante não padrão é mesmo o imperfeito, nas quatro amostras. O presente ambíguo ainda recebe bem a variante não padrão em Santa Leopoldina (0,496) e na Baixada Cuiabana (0,547) e um pouco em Goiás (0,369). O padrão emergente, em termos de tendências, se instaura fortemente no presente ambíguo em Vitória (0,713), ocorre mais intensamente no presente não ambíguo na Baixada Cuiabana (0,545) e se expande para qualquer presente menos saliente na fala de Goiás, resultando em (0,523/0,421).

É na fala de Santa Leopoldina (Tabela 7) que este padrão emergente, já com percentagem de 54%, não tem seus espaços polarizados em termos de pesos, embora se possa ver que, relativamente, a área do presente ambíguo é a que mais o abriga (0,334), consistente com o caminho das demais comunidades, em que o padrão emergente, nesta relação ternária, tende a se acentuar no campo do presente, em especial do presente ambíguo e do presente não ambíguo menos saliente, embora com algumas diferenças ainda não suficientemente avaliadas, o que ficará para a continuidade da análise.

Fatores	<i>Nós com -mos</i> (padrão antigo)			<i>Nós sem -mos</i> (não padrão)			<i>A gente sem -mos</i> (padrão emergente)		
	Peso relativo	%	$\frac{N}{N}$	Peso relativo	%	$\frac{N}{N}$	Peso relativo	%	$\frac{N}{N}$
1) Imperfeito [-Sali]	0,052	7	$\frac{17}{252}$	0,839	47	$\frac{119}{252}$	0,109	46	$\frac{116}{252}$
2a) Presente [+Amb]	0,118	12	$\frac{24}{203}$	0,547	35	$\frac{72}{203}$	0,335	53	$\frac{107}{203}$
2b) Presente [-Amb, -Sali]	0,274	25	$\frac{11}{44}$	0,181	9	$\frac{4}{44}$	0,545	66	$\frac{29}{44}$
2c) Presente [-Amb, +Sali]	0,466	50	$\frac{96}{192}$	0,206	11	$\frac{22}{192}$	0,328	39	$\frac{74}{192}$
3) Pretérito Perfeito	0,858	72	$\frac{68}{94}$	0,039	2	$\frac{2}{94}$	0,103	26	$\frac{24}{94}$
Total		28	$\frac{216}{785}$		28	$\frac{219}{785}$		45	$\frac{350}{785}$
Input		0,356			0,075			0,569	

Tabela 8: Efeitos ternários em função da escala da proeminência para a amostra de Baixada Cuiabana-MT 2003

Fatores	<i>Nós com -mos</i> (padrão antigo)			<i>Nós sem -mos</i> (não padrão)			<i>A gente sem -mos</i> (padrão emergente)		
	Peso relativo	%	$\frac{n}{N}$	Peso relativo	%	$\frac{N}{N}$	Peso relativo	%	$\frac{N}{N}$
1) Imperfeito [-Sali]	0,160	10	$\frac{51}{507}$	0,566	9	$\frac{48}{507}$	0,274	80	$\frac{408}{507}$
2a) Presente [+Amb]	0,108	4	$\frac{18}{484}$	0,369	4	$\frac{20}{484}$	0,523	92	$\frac{446}{484}$
2b) Presente [-Amb, -Sali]	0,333	12	$\frac{8}{68}$	0,246	3	$\frac{2}{68}$	0,421	85	$\frac{58}{68}$
2c) Presente [-Amb, +Sali]	0,593	27	$\frac{113}{418}$	0,147	2	$\frac{10}{418}$	0,260	71	$\frac{295}{418}$
3) Pretérito Perfeito	0,599	39	$\frac{265}{671}$	0,271	6	$\frac{43}{671}$	0,130	54	$\frac{363}{671}$
Total		21	$\frac{455}{2148}$		6	$\frac{123}{2148}$		73	$\frac{1570}{2148}$
Input		0,142			0,059			0,799	

Tabela 9: Efeitos ternários em função da escala da proeminência para a amostra de Goiás 2008

Para uma visão de conjunto do comportamento das quatro amostras, apresentamos a seguir a Tabela 10, só com os pesos relativos das quatro rodadas ternárias, uma para cada uma das amostras, com a variante padrão em vermelho, a não padrão em azul e a padrão emergente em verde. Embora haja naturais diferenças entre os resultados, dado o fato de que as amostras são socialmente e numericamente bem distintas, consideramos que os resultados são indubitavelmente semelhantes em termos da hierarquia das variantes em função da escala da proeminência, já devidamente explorada nas páginas anteriores.

Amostras	Santa Leopoldina-ES			Baixada Cuiabana-MT			Goiás			Vitória-ES		
Variante	Padrão antigo	Não padrão	Padrão emergente	Padrão antigo	Não padrão	Padrão emergente	Padrão antigo	Não padrão	Padrão emergente	Padrão antigo	Não padrão	Padrão emergente
Pesos rel. Fatores												
Imperfeito	0,000	0,891	0,109	0,052	0,839	0,109	0,160	0,566	0,274	0,007	0,965	0,029
Presente +Amb.	0,170	0,496	0,334	0,118	0,547	0,335	0,108	0,369	0,523	0,181	0,106	0,713
Presente -Amb. -Sali	0,436	0,297	0,267	0,274	0,181	0,545	0,333	0,246	0,423	0,417	0,203	0,379
Presente -Amb. +Sali	0,950	0,024	0,026	0,466	0,206	0,328	0,593	0,147	0,260	0,504	0,158	0,338
Pretérito Perfeito	0,993	0,000	0,006	0,858	0,039	0,103	0,599	0,271	0,130	0,848	0,067	0,084
Range	99	89	33	85	84	44	49	42	39	84	90	68
Input	0,042	0,017	0,941	0,356	0,075	0,569	0,142	0,059	0,799	0,221	0,000	0,779
%	22%	24%	54%	27%	28%	45%	21%	6%	73%	27%	4%	70%
n	386	425	946	216	219	350	445	123	1570	403	57	1057
N	1757	1757	1757	785	785	785	2148	2148	2148	1517	1517	1517

Tabela 10: Visão de conjunto dos pesos relativos das análises ternárias de quatro amostras das duas primeiras décadas do século XXI

A diferença mais acentuada encontra-se nos dados de Goiás com relação ao efeito relativamente baixo do pretérito perfeito para a variante padrão antigo (0,599) e relativamente mais alto para a variante não padrão (0,271). Trata-se do fato, segundo Mattos (2013, p. 123), de que a fala de Goiás apresenta relação identitária com a tradição e com a modernidade, com clara autoestima pelas variantes não padrão encontrada em falas do tipo: *nós fala errado porque nós quê... nós é assim...* Ao mesmo tempo que o falante goiano valoriza a tradição, a sua goianidade, ele também recebe bem o que vem de fora, o que se reflete nos altos índices de uso da variante emergente, da ordem de 73% (*input* de 0,799), semelhante ao de Vitória, da ordem de 70% (*input* de 0,779). Esta dupla atitude também de reflete em tendências sociais opostas com relação à variação da concordância com *nós*, em que as mulheres e os mais jovens favorecem a variante não padrão (*nós* sem *-mos*) (cf. MATTOS, 2013, p. 89); e à alternância entre padrão antigo e padrão emergente, em que as mulheres e os mais jovens usam mais o padrão emergente (cf. MATTOS, 2013, p. 111-113; 2017).

Alinhando o ponto novo da nossa história

As duas análises binárias alternativas estão recuperando duas mudanças diacrônicas não documentadas: (1) *nós falamos* → *nós fala*, perda da desinência *-mos* da primeira pessoa do plural, por generalização do que já tinha ocorrido na terceira pessoa do singular, influenciada pela situação de transmissão linguística emergencial existente na época da colonização, principalmente nos contextos menos salientes; (2) *nós fala* → *gente fala*, recuperação da concordância através da substituição de *nós* por *a gente*, principalmente nos contextos mais salientes, nos dados da amostra de fala mais rural, como é a de Santa Leopoldina, ou nos dados de amostras menos urbanas, como é a da Baixada Cuiabana.

Não temos dados reais diacrônicos textuais de cada uma destas mudanças. Temos os resultados atuais. Reconstruímos as mudanças diacrônicas: opusemos todos os casos de *nós* com *-mos* aos de ausência de *-mos*, reunindo todos os casos atuais de zero na primeira pessoa do plural (*nós fala* e *a gente fala*) para buscar reconstruir o estado ou espaço original de *nós fala*. A seguir opusemos esse estado original de *nós fala* contra *a gente fala* para ver como veio a existir a construção *a gente fala*.

Temos duas situações da recuperação da concordância formal através de dois processos diferentes: uma situação em que se trocou um antigo pronome morfológicamente de primeira pessoa de plural por um novo pronome morfológicamente de terceira pessoa do singular, em alguns contextos estruturais, reinstaurando-se a concordância com o verbo de terceira pessoa do singular através de uma mudança no sistema pronominal; uma outra situação em que se trocou o verbo morfológicamente de terceira pessoa do singular pelo verbo de terceira pessoa do plural, na concordância verbal com sujeito de terceira pessoa plural (cf. NARO; SCHERRE, 2013). Assim, em um caso restabeleceu-se a concordância por meio de uma inovação do sistema pronominal. No outro caso restabeleceu-se a concordância através de um retrocesso no sistema de desinências, reestabelecendo formas plurais mais antigas. Essa é uma maneira inteiramente inédita de analisar o que houve diacronicamente na concordância com a primeira pessoa plural *nós* e terceira pessoa plural *eles/elas/sintagmas nominais plurais*. As análises binárias sincrônicas apoiam as postulações diacrônicas. Parece que a mudança *nos falamos* à *a gente fala* nunca existiu. Esta é uma leitura diacrônica dos dados, que não tem contrapartida nos fatos sincrônicos. Como bem dizia nosso ilustre mestre Ferdinand Saussure: verdades diacrônicas são de natureza diferente de verdades sincrônicas (cf. SAUSSURE, 2006, p.94-116).

Referências

ALMEIDA, Mourivaldo Santiago de; COX, Maria Inês Pagliarini (orgs). *Vozes cuiabanas: estudos linguísticos em Mato Grosso*. Cuiabá: Cathedral, 2005.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BENFICA, Samine de Almeida. *A concordância verbal na fala de Vitória*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016.

CEDERGREN, Henrietta J. E SANKOFF, David. Variable rules: performance as a statistical reflexion of competence. *Language*, v. 50, n. 2, p. 333-355, jun. 1974.

DETONI, Raquel do Vale. *A concordância de gênero na anáfora pronominal: variação e mudança linguística no dialeto da Baixada Cuiabá – Mato Grosso*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

FOEGER, Camila Candeias. *A primeira pessoa do plural no português falado em Santa Leopoldina*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

FOEGER, Camila Candeias; YACOVENCO, Lilian Coutinho; SCHERRE, Maria Marta Pereira. A primeira pessoa do plural em Santa Leopoldina/ES: correlação entre alternância e concordância. *Letrônica*, v.10, n.1, p. 5-17, 2017.

GUY, Gregory R.; ZILLES, Ana. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola, 2007.

JONHSON, Daniel Erza. Getting off the GoldVarb Standard: introducing Rbrul for mixed effects variable rule analysis. *Language and Linguistics Compass*, v.3, n.1, p. 359-383, 2009.

LABOV, William. What can be learned about change in progress from synchronic descriptions? In: SANKOFF, David.; CEDERGREN, Henrietta. (eds.). *Variation Omnibus*. Canada, Linguistic Research, Inc., 1981. p.177-99.

LEMLE, Miriam. & NARO, Anthony Julius. *Competências básicas do português*. Relatório final de pesquisa apresentado às instituições patrocinadoras Fundação Movimento Brasileiro (MOBRAL) e Fundação Ford, Rio de Janeiro, 1977. 151p

MATTOS, Shirley Eliany Rocha. *Goiás na primeira pessoa do plural*. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

MATTOS, Shirley Eliany Rocha. A primeira pessoa do plural na fala de goiás. *Revista (Con) Textos Linguísticos* (UFES), v. 11, n. 19, p. 145-166, 2017.

MATTOS, Shirley Eliany Rocha; SCHERRE, Maria Marta Pereira. O papel do plural em contexto de sujeitos coletivos com noção de grupo no singular. In: PILATI, E.; SALLES, H.L.; NAVES, R. (orgs.) *Novos olhares para a gramática do português brasileiro*. São Paulo: Pontes, 2017, p. 43-59.

MENDONÇA, Alexandre Kronemberger. *NÓS e A GENTE em Vitória: análise sociolinguística da fala capixaba*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010

NARO, Anthony J. The social and structural dimensions of a syntactic change. *Language*, v.57, n.1, p. 63-98, 1981.

NARO, Anthony J.; GÖRSKI, Edair; FERNANDES, Eulália. Change without change. *Language variation and change*, v.11, n. 2, p.197-211, 1999.

NARO, Anthony J. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. p.43-50.

NARO, Anthony J; SCHERRE, Maria Marta Pereira. Remodeling the age variable: number concord in Brazilian Portuguese. *Language variation and change*, v. 25, n. 1, p. 1-15, 2013.

NARO, Anthony J; SCHERRE, Maria Marta Pereira. General principles governing variation in Brazilian Portuguese. In: NEW WAYS OF ANALYZING VARIATION 45, nov. 2016. Vancouver: Simon Fraser University e University of Victoria.

NARO, Anthony J, SCHERRE, Maria Marta Pereira, FOEGER, C., BENFICA, Samine de Almeida. Sobre o encaixamento linguístico e social da variação de concordância com o pronome *nós* em terras brasileiras. In: 1st INTERNATIONAL SYMPOSIUM ON VARIATION IN PORTUGUESE, abr. 2014, Universidade do Minho.

NARO, Anthony J; SCHERRE, Maria Marta Pereira; FOEGER, Camila; BENFICA, Samine de Almeida. Linguistic and social embedding of variable concord with 1st plural *nós* 'we' in Brazilian Portuguese. In: BARBOSA, P.; PAIVA, M. da C. de; GONÇALVES, C. (eds.) *Studies on variation in Portuguese*. 1 ed. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2017, p. 219-231.

OUSHIRO, L. *Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo*. Tese (Doutorado em Letras), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

PAIVA, Maria da Conceição; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Introdução: a mudança linguística em curso. In: ___ (orgs.) *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: FAPERJ/Contra CAPA, 2003.p.13-29.

RUBIO, Cássio Florêncio. *Padrões de concordância verbal e alternância pronominal no português brasileiro e português europeu: um estudo comparativo*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

RYAN, Maria Aparecida Florence Cerqueira. *Conjugação dos verbos em português: prático e eficiente*. São Paulo: Ática, 1996.

SANKOFF, David. Variable rules. In: AMMON, U., DITTMAR, N.; MATHHEIER, K.J. (Eds.). *Sociolinguistics: an international handbook of the science of language and society*. New York: Walter de Gruyter, 1988. p. 984-998.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali & SMITH, Eric. *Goldvarb X: A multivariate analysis application*. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm#ref. Acesso em 20 mar. 2018.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony J. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs.) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. p.147-177.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony J. Efeitos da saliência fônica e do tempo/modo verbal na concordância verbal. In: MOLLICA, M. C. de M. (org.) *Usos da linguagem e sua relação com a mente humana*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010. p. 71-77.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony J.; MATTOS, Shirley Eliany Rocha; FOEGER, Camila Candeias; BENFICA, Samine de Almeida. Concord without concord: 1st plural pronoun *nós* 'we' in Brazilian Portuguese. In: NEW WAYS OF ANALYZING VARIATION, out. 2014, Chicago: University of Illinois at Urbana-Champaign e University of Illinois at Chicago.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony J; YACOVENCO, Lilian Coutinho. Variação *nós* vs. *a gente* no português brasileiro: a importância de análises comparativas enéarias. In: II SEMINÁRIO DE PESQUISAS LINGUÍSTICAS EM ANDAMENTO e I DEBATES EM LINGUÍSTICA, dez. 2017. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; YACOVENCO, Lilian Coutinho. Sobre a uniformidade de padrões abstratos de variação e de comportamento avaliativo explícito na comunidade de fala brasileira. In: IV CONGRESSO NACIONAL DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS, nov. 2017, Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; YACOVENCO, Lilian Coutinho; NARO, Anthony J.; MATTOS, Shirley. Eliany Rocha; FOEGER, Camila Candeias, BENFICA, Samine de Almeida. Functionality and standardization: *nós and a gente* 'we' in Brazilian Portuguese, out. 2015. In: NEW WAYS OF ANALYZING VARIATION, Toronto, Universidade de Toronto.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; YACOVENCO, Lilian Coutinho; NARO, Anthony J. *Nós e a gente* no português brasileiro: concordâncias e discordância, jul. 2015. In: GALLÆCIA - III CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA HISTÓRICA, Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; YACOVENCO, Lilian Coutinho; NARO, Anthony J. *Nós e a gente* na Baixada Cuiabana-Mato Grosso e em Vitória-Espírito Santo: ampliando os olhares. In: I SEMINÁRIO SOBRE LINGUAGENS, CULTURAS E IDENTIDADES DA UFOP, mar. 2016. Mariana: Universidade Federal de Ouro Preto.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; YACOVENCO, Lilian Coutinho; NARO, Anthony J. *Nós e a*

gente no português brasileiro: concordâncias e discordâncias. *Estudos de Linguística Galega, ELG*. v. Especial, n. I, p. 13-27, 2018.

TAGLIAMONTE, Sali A. *Analysing sociolinguistic variation— key topics in Sociolinguistics*. Cambridge, Cambridge University Press, 2006.

TAGLIAMONTE, Sali A. *Variationist sociolinguistics: change, observation, interpretation*. Malden: Wiley-Blackwell, 2012.

YACOVENCO, Lilian Coutinho; SCHERRE, Maria Marta Pereira; TESCH, Leila Maria BRANGANÇA, Marcela L. Bragança; EVANGELISTA, Elaine Meireles MENDONÇA, Alexandre Kronenberg de; CALMON, Elba Nunes; CAMPOS Jr., Heitor da Silva; BARBOSA, Astrid Franco; BASÍLIO, Jucilene Oliveira Sousa; DEOCLÉCIO, Carlos Eduardo; SILVA, Janaína Biancardi da; BERBERT, Aline Tomaz Fonseca; BENFICA, Samine de Almeida. Projeto PortVix: a fala de Vitória/ES em cena. *Alfa: Revista de Linguística*, v. 56, n. 3, p.771-806, 2012.

YACOVENCO, Lilian Coutinho; SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony J; MENDONÇA, Alexandre Kronenberger de; FOEGER, Camila Candeias; BENFICA, Samine de Almeida. *Nós and a gente 'we' in Brazilian Portuguese: effect of age in urban and rural areas of Espírito Santo*. In: NEW WAYS OF ANALYZING VARIATION 46, nov. 2017. Madison: University of Wisconsin-Madison.

YACOVENCO, Lilian Coutinho; SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony J; MENDONÇA, Alexandre Kronenberger de; FOEGER, Camila Candeias; BENFICA, Samine de Almeida. *Nós and a gente 'we' in Brazilian Portuguese: effect of age in urban and rural areas of Espírito Santo*. University of Pennsylvania *Working Papers in Linguistics*, v. 24, n. 2, Selected Papers from New Ways of Analyzing Variation (NWAV 46), p. 166-173, 2018.

ZILLES, Ana M. S. The development of a new pronoun: the linguistic and social embedding of *a gente* in Brazilian Portuguese. *Language variation and change*, v. 17, n.1, p. 19-53, 2005.

Sobre Dinah Callou — *Maria Marta Pereira Scherre*¹⁸

Sobre Dinah Callou — *Anthony Julius Naro*¹⁹

Sobre Dinah Callou — *Lilian Coutinho Yacovenco*²⁰

18 Companheira e amiga de Dinah Callou de muitas jornadas, desde a década de 80, quando fui participar do atual Programa da Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL). Estou muito honrada de participar desta grande homenagem. Somos ambas cancerianas, do mesmo dia, 21 de julho, muito mãezonas.

19 É com muita honra que participo desta homenagem à amiga Dinah Callou, com quem tive a oportunidade de partilhar o mesmo corredor na Universidade Federal do Rio Janeiro e de levar a cabo boas discussões acadêmicas, ela com os olhos voltados para a Norma Urbana Culta e eu, para a Norma Urbana não Culta.

20 A minha honra de participar da homenagem à Dinah Callou é ainda maior do que a dos meus companheiros de grandes debates sobre o tema que aqui se apresenta. Eu me iniciei na pesquisa sociolinguística pelas mãos firmes de Dinah e fui por ela orientada na Iniciação Científica e no Mestrado. Assim, Dinah participou ativamente de minha formação acadêmica. Parabéns, Dinah, grande mestra!